

**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DE
METODOLOGIA DE ENSINO:
entrevista com Elisabeth Maria Trauer**

Luciane Maria Schlindwein¹

Nelita Bortolotto²

Data: 3/10/2014

Entrevistadores: Luciane Maria Schlindwein e Nelita Bortolotto

Elisabeth Maria Trauer, mestre em educação, é professora aposentada do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no campo do ensino da língua alemã. Ao longo de sua trajetória profissional, esteve particularmente envolvida com estudos sobre a compreensão do ensino da língua alemã e com a formação de professores deste idioma, vislumbrando possibilidades de repensar campos de estágio supervisionado, com inserções particulares mobilizadas para qualificar tanto o trabalho docente quanto o desenvolvimento e a aprendizagem de estudantes.

Revista EntreVer: Professora Elisabeth, muitos contextos do Sul do Brasil, mais especificamente do Estado de Santa Catarina, são cenários interculturais decorrentes de políticas de imigração adotadas pelo Brasil no século XIX. Como a senhora assinala o papel intercultural do ensino da língua alemã no Estado de Santa Catarina e que relação poderia ser estabelecida com a sua trajetória pessoal na universidade?

¹ Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Departamento de Metodologia de Ensino Campus Trindade, Florianópolis. E-mail: lucmas@uol.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora da UFSC - Departamento de Metodologia de Ensino - Campus Trindade, Florianópolis. E-mail: nelbortolotto@gmail.com

Professora Elisabeth: Então, a minha grande surpresa foi quando nós iniciamos o ensino de alemão e passamos a conhecer mais as escolas do interior. Descobrimos que as crianças que aprendiam a língua alemã não eram todas descendentes de alemães. Havia crianças de várias etnias aprendendo o alemão. E, aí, achei tão interessante, porque a língua realmente fazia esse papel importante de aproximar uma comunidade e possibilitar a eles compartilhar uma cultura em comum. Mas eram crianças de diferentes nacionalidades e ascendências: italianos, de origem indígena, poloneses. E tínhamos ainda crianças que falavam o alemão e crianças que não falavam, apenas entendiam. Então, essa pluralidade cultural se mostrava muito claramente no contexto da sala de aula. A interculturalidade, hoje, está presente, e vem sendo cultivada porque é o diálogo de culturas, e ela é fundamental no ensino de línguas. São sempre línguas em contato, línguas que dialogam, e são diferentes culturas, então, nós temos inclusive a abordagem intercultural que hoje é muito evidenciada e que diz o seguinte: para compreender o outro é necessário compreender também a sua cultura.

Revista EntreVer: Sabemos de seu esforço e investimento pessoal e profissional no ensino da língua alemã nas escolas públicas em vários municípios do Estado de Santa Catarina. A senhora poderia, como forma de registro, relatar um pouco como foi esse trabalho?

Professora: Então, quando nós começamos os estágios, o único lugar que oferecia o ensino da língua alemã, aqui, em Florianópolis, era o Colégio de Aplicação³. E como tínhamos muitos estagiários, nós começamos a descobrir outras escolas, também através de um projeto piloto que tinha iniciado o ensino de alemão, então,

³ O Colégio de Aplicação é uma unidade de ensino ligada ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CCE/UFSC), atendendo alunos do Ensino Fundamental e Médio.

começamos a usar esses campos na grande Florianópolis, no entorno de Florianópolis. Claro que fomos buscar também em Pomerode, Blumenau, Joinville⁴ e em outros espaços, porque esse diálogo era muito importante também para os estagiários poderem situar melhor o que é o ensino da língua alemã em Santa Catarina.

Revista EntreVer: Como você vê o papel da universidade na educação de crianças inseridas em antigas zonas de imigração alemã?

Professora Elisabeth: Então, este diálogo ainda é muito inicial, e se dá sobretudo através da nossa ida com os estagiários a essas escolas, oferecendo oportunidade, por exemplo, no projeto que desenvolvemos com a literatura infantil. Nós temos feito esse contato com as escolas do interior, principalmente.

Revista EntreVer: Professora Elisabeth, quais mudanças ocorridas nesses anos de sua atuação no curso de Licenciatura em Letras Alemãs na UFSC a senhora destacaria como importantes para a formação de professores dessa língua?

Professora Elisabeth: Então, hoje, através dos estágios e das metodologias, a gente tem tido mais espaço nos cursos de licenciatura no que diz respeito à formação de professores, tanto que no período em que eu estava na Universidade, recentemente, tínhamos três semestres de formação, onde eu entendia a primeira formação como momento para conhecer o espaço de ensino da língua, o segundo para fazer experiências, conhecer vários projetos, várias formas, e, no último espaço, então, era quando o aluno realmente assumia o ensino. Isso foi uma experiência muito rica, porque a gente teve oportunidade de desenvolver um trabalho mais continuado. Era uma formação em cadeia.

⁴ Cidades do Estado de Santa Catarina.

Revista EntreVer: Professora Elisabeth, a senhora foi, de certa forma, precursora justamente do pensar sobre o bilinguismo na escola de Ensino Fundamental como forma de promover diferentes aprendizagens, promover desenvolvimentos, mobilizar a criança para outras formas de pensamento.

Professora Elisabeth: Exatamente porque a segunda língua enriquece muito a experiência da própria língua também, e a criança encontra um espaço comum de aprendizagem, porque todos estão no mesmo processo, então, é muito rico isso.

Revista EntreVer: A senhora foi precursora na medida em que defendeu a sua dissertação no ano 1994, embora ela reflita uma construção teórica anterior.

Professora Elisabeth: Mas não se falava em Educação Infantil; e essa Educação infantil nos pegou na universidade sem preparo, porque no curso de Pedagogia não se estava preocupado com línguas estrangeiras ou segundas línguas, e o curso de Letras não se envolve com crianças. Então nós ficamos com esse espaço presente, hoje, requisitado pelas comunidades. E o que mais me preocupava era o seguinte, não era só a falta de professores, mas a falta de recursos. Nós não sabíamos o que fazer, então, esse meu encontro com esse programa europeu coordenado pela professora Traute foi riquíssimo, porque ele me trouxe fundamentação e maneiras de trabalhar com crianças; saber uma metodologia adequada à idade, porque criança aprende diferente do adulto.

Revista EntreVer: Professora Elisabeth, antes mesmo desta sua experiência a pouco retomada, na sua trajetória como professora do Departamento de Metodologia de Ensino e em conversas com

colegas do departamento, a senhora sempre demonstrou preocupação com o ensino da língua alemã nas séries iniciais, assim como sempre foi essa a sua luta, tanto que a sua sala de trabalho era repleta de livros de literatura infantil em língua alemã. A senhora trazia crianças para sua sala de trabalho e empreendia uma luta constante, teórica, pedagógica, exposta inclusive em reuniões de Departamento. Poderias falar um pouco deste processo? Acrescentamos: falaríamos “Departamentos”, porque era uma luta também com o Departamento de Línguas Estrangeiras. Poderia falar um pouco da repercussão deste tema nos Departamentos e dessa sua luta para que o ensino de alemão também fosse objeto de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Professora Elisabeth: Quando nós falamos de língua, cultura e diálogo intercultural, a literatura desempenha um papel importantíssimo, e ela era extremamente ausente da sala de aula. Aí descobrimos que as crianças adoravam quando nós levávamos um texto literário e trabalhávamos com elas. Elas diziam assim: “Hoje valeu a pena! Eu vou contar em casa para a minha vó”. Ela vai gostar da história também. Começamos a ver que a literatura era uma porta que podia ser trabalhada tanto para o Ensino Médio e a partir da quinta série, quanto para os anos iniciais; que ela era uma excelente fonte de aprendizagem da língua e de cultura. Porque quando a gente forma leitores, nós não formamos apenas na nossa língua, formamos em todas as línguas, onde há contato com o texto. Desenvolvemos muitos projetos e fiquei preocupada porque o acervo era muito pequeno, então, os professores sempre diziam assim: “gostamos muito do teu trabalho, achamos superimportante, mas nós não temos esse material”. Então, começamos a produzir no departamento material para o ensino de alemão, saindo um pouco do livro didático, muito mais montado na experiência e naquilo que as crianças gostam. Desenvolvemos vários projetos em Vargem Grande, no município de

Águas Mornas (SC). Agora, mais recentemente, em São Pedro de Alcântara e no Colégio de Aplicação.

Revista EntreVer: Como campo de estágio, agora a senhora citou estas comunidades, isto também foi uma conquista sua, porque o estágio na Universidade Federal de Santa Catarina, normalmente, fica circunscrito às escolas próximas ao campus universitário. Como foi esta sua luta para expandir o campo de estágio do ensino da língua alemã?

Professora Elisabeth: Pela nossa realidade, porque ela é muito diferenciada. Ela não entra apenas como ensino de língua estrangeira, ela entra também..., encontra também, nos espaços, crianças falantes. E o grande facilitador foi que professores que tinham cursado metodologias e práticas de ensino comigo estavam também nessas escolas da grande Florianópolis, então, já era uma porta aberta: tu encontras o ex-aluno que conhecia a gente. Abria-se esse espaço, as escolas eram extremamente receptivas, certo? Para projetos, atividades diferenciadas, lembro-me de uma vez em que nós fizemos um grande evento com aprendizagens de estações, onde todo o Ensino Médio foi liberado para participar, e o mais interessante é que todos os professores da escola também acabaram participando porque acharam instigante,. Diziam: “nós nunca tínhamos feito isso! É muito bom fazermos isso!”. Porque os estágios são fundamentais para os alunos. Quando eles saem daquelas paredes da universidade, se deparam com o mundo profissional, e aquilo que eles encontram é sempre estimulante, porque alunos são matérias vivas, não são livros, não são teorias. São aulas que nós preparamos, são coisas que nós podemos... depois é avaliar; é discutir o que foi positivo e o que poderia ser melhorado. Os estágios são fundamentais – verdade que é um início de carreira, verdade que

muita coisa vai ter que ser construída, mas podemos dizer, assim, que eles vão com uma pequena bagagem.

Revista EntreVer: E qual a receptividade dos professores em formação, com relação a esse campo de conhecimento que é o ensino da língua alemã em escolas do interior do Estado?

Professora Elisabeth: Olha nem tanto com escolas do interior, em todas as escolas, né? Porque a realidade da sala de aula é bem diferente daquela livresca, por mais que a gente tenha preparo; tenha conhecimento de metodologias. Quando se tem essa matéria viva na tua frente e com oportunidades de modificar, por exemplo, a própria sala de aula, tu reorganizas a sala de aula, propões diferentes atividades no mesmo espaço; isso tudo anima muito, eles gostam muito e se torna significativo para eles esse estágio.

Revista EntreVer: O estágio em língua alemã se consolidou no Ensino Médio e nos anos finais do Ensino Fundamental, mas a senhora sempre lutou para que esses estágios abrangessem também os anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, professora Elisabeth, a senhora poderia deixar uma palavra para as alunas de Pedagogia?

Professora Elisabeth: É um espaço importantíssimo e a criança está em uma fase de encantamento. A segunda língua é uma oportunidade de encantamento e ela, a criança, brinca e aprende com facilidade; traz todo um potencial linguístico, mas a segunda língua não traz só isso, traz uma nova forma de se encontrar na vida, onde posso utilizar uma segunda língua para me comunicar, isso é muito bom.

Revista EntreVer: A senhora poderia falar um pouco sobre os projetos que desenvolvia com os alunos no estágio supervisionado, relacionando, especificamente, à elaboração de material didático?

Professora Elisabeth: Muito material didático foi feito. Agora, aposentada, estou vendo isso, que produzimos muito, mas cada experiência, sempre tem aquele que monta, que organiza, então, varia de grupo para grupo. Eram experiências diferentes. Nós nunca repetimos um estágio nesses anos todos. São vinte e tantos anos de estágio, e nunca repetimos um estágio. Foram diferentes, sempre! As propostas foram diferentes, e os desafios eram sempre novos.

Revista EntreVer: E qual a motivação para esta elaboração de materiais?

Professora Elisabeth: Pela falta. Absolutamente pela falta! E, dizendo para os meninos: “Hoje tu tens um computador, tu tens acesso a internet, tu tens oportunidade de buscar materiais belíssimos, utilizando isso podem tornar as aulas muito mais interessantes que as propostas em um livro didático.”

Porque o livro didático é construído para um público neutro, eles não escrevem para uma determinada pessoa, mas, quando tu fazes projeto, tu tens realmente as pessoas na tua frente, quando tu queres, então é uma coisa dirigida e muito específica em que tu podes construir materiais.

Revista EntreVer: Professora Elisabeth, olhando para trás, para esta trajetória tão bonita construída ao longo dos seus anos de docência, teria uma experiência que destacaria como emblemática da sua carreira?

Professora Elisabeth: Olha, foram várias, não posso dizer que tenha sido uma só, principalmente através desses projetos que desenvolvíamos quando íamos para as escolas, às vezes, eram dois dias de estada em uma comunidade. Ou, talvez, contando a história da lagarta muito comilona, em um jardim da infância, com crianças ao teu lado, onde elas vivem a história, participam e nem se dão conta que estão ouvindo isso em língua alemã. Eu acho isso fantástico, mas são várias experiências muito ricas, principalmente nos intercâmbios com os alemães que vinham e gostavam muito de ir para escola do interior, pois os alunos são muito receptivos. Os nossos alunos do Colégio de Aplicação estão um pouco saturados, mas os meninos do interior eram fantásticos, desenvolvemos vários projetos.

Revista EntreVer: Essa também foi uma conquista sua. Poderia contar um pouquinho como foi a construção desta relação?

Professora Elisabeth: Por acaso fui convidada para uma reunião no Departamento de Letras onde conheci essa professora alemã, e começamos a conversar. Ela queria saber o que era esse MEN⁵. Aí eu a busquei e ela disse assim: “Sabe que nós fazemos a mesma coisa?”. Ela disse que poderíamos fazer um intercâmbio e eu aceitei, evidentemente, achei fantástico; só que em medidas brasileiras, imaginei que isso era para daqui a um ano, dois. Um mês depois, veio um convite: mande duas alunas porque eu tenho duas bolsas para a Alemanha, tu podes recomendar alguém? Aí começou. E disseram assim: “mas nossos alunos também gostariam, porque eles têm no currículo uma experiência no exterior; um ano de experiência no exterior”. Eles poderiam, portanto, fazer conosco na UFSC, e foi muito interessante. Vinham alunos com uma formação muito diferenciada da nossa, porque eles não fazem uma habilitação única como nós em

⁵ Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

alemão, português ou Educação Física. Na formação de professores são três habilitações, então elas tinham, por exemplo, Teologia, Educação Física ou Língua Alemã, ou Matemática, Ciências e Esportes. Então, eles vinham conosco para as escolas. Quem ficava comigo fazia Metodologia e Práticas de Ensino. Eles iam conosco para as escolas e desenvolviam projetos também. Eu tenho o retorno de um aluno que defendeu o título dele apresentando a experiência que tinha vivido nas escolas conosco, no estágio de alemão, na escola brasileira. Foi o coroamento dessa experiência; foi muito rica. Os nossos alunos também vão para a Alemanha. A última aluna está retornando, foi fazer a Pedagogia Montessori e depois quer fazer doutorado. Os alunos tem que nos ultrapassar, e muito, tem de nos trazer o novo. Essa que é a nossa função.

Revista EntreVer: Professora Elisabeth, a sua dissertação retrata a experiência de um projeto piloto de ensino do alemão que a senhora vivenciou. Poderia falar um pouco sobre essa experiência e da escrita da sua dissertação de mestrado que trata da trajetória da língua alemã em Santa Catarina?

Professora Elisabeth: Eu tenho assim o privilegio de ter participado desse projeto, que foi de 1984 até 1988, em que foi reintroduzida a diversificação da oferta de línguas estrangeiras nas redes de ensino, podendo as comunidades optar pela língua de sua preferência. Isso vinha do movimento participativo, no final da abertura do governo Geisel, onde as comunidades reivindicavam que, ao lado do inglês, os alunos também tivessem a oportunidade de aprender a língua que era falada na região: o italiano, o polonês, o espanhol. Esse projeto foi desenvolvido em uma parceria entre a Universidade e a Secretaria de Estado da Educação, e houve, assim, um acolhimento muito grande, tanto que não tínhamos professores suficientes para o italiano, para o francês, para atender a demanda das escolas.

Começamos, então, a organizar. No alemão tivemos a felicidade de contar com o apoio do governo alemão através do instituto Goethe, que concedeu a vinda de coordenadores técnicos de ensino, porque a demanda no ensino de alemão foi grande e não tinha escola, não tinha professor, não tinha material, não tinha nada. Nós precisávamos começar do zero, mas a demanda estava aí! Os alunos estavam aí! Então, começamos a fazer formação em serviço, na década de 1988 a 1990. A vinda desses coordenadores técnicos foi fundamental, porque, terminado o projeto, as outras línguas abandonaram, mas o alemão continuou. Durante vinte anos nós tivemos coordenadores técnicos na Secretaria de Estado da Educação, coordenando esse ensino. Era um trabalho de parceria, através da Associação de Professores com a Universidade. Eu acho que obteve sucesso.

Recebido em 03/10/2014

Aprovado em 18/10/2014